

Vinícius

Pedro de Camargo, mais conhecido por «Vinícius», pseudônimo que ele adotou e usou por mais de cinquenta anos de trabalho contínuo e perseverante na Doutrina, foi, não há dúvida, o maior educador e evangelizador espírita dos nossos tempos.

Também se dedicou, de corpo e alma, ao setor de assistência social, embora nunca deixasse de acentuar que o objetivo máximo da III Revelação é iluminar as consciências, é anunciar pela palavra, e confirmar pelo exemplo, as verdades do Reino de Deus.

Na tribuna, na imprensa, no rádio e através de seus livros, o grande saber e as virtudes de Vinícius sempre estiveram presentes, esclarecendo-nos e convidando-nos à ascensão. Ao seu bondoso espírito aliava o conhecimento intelectual e intuitivo das coisas humanas e divinas, o que o fazia respeitado, e venerado mesmo, entre os companheiros de lides doutrinárias.

A começar de 1939, desenvolveu, pelas ondas hertzianas da Rádio Educadora de São Paulo, um programa evangélico sempre ouvido com agrado e proveito por todos os interessados. Foi diretor-superintendente da primeira «estação dos espíritas» (hoje extinta), a Rádio Piratininga — PRH-3, fundada em 1940.

Seus esforços a prol da Unificação do movimento espírita brasileiro foram relevantes, e ele próprio esteve lado a lado de outros confrades nas reuniões que conduziram à criação do Conselho Federativo Nacional,

tendo sido aquele que, ao encerramento dos trabalhos do Pacto Áureo de 5 de Outubro de 1949, proferiu, a convite do presidente da FEB, belíssima prece.

*

Pedro de Camargo nasceu em Piracicaba, Estado de São Paulo, no dia 7 de Maio de 1878. Foram seus pais Antônio Bento de Camargo e Sebastiana do Amaral Camargo. Entre os cinco filhos do casal, três homens e duas mulheres, ele era o quarto.

Fêz os seus primeiros anos de escolaridade no «Colégio Piracicabano», educandário metodista, de fundação norte-americana. Nessa época, a diretora do estabelecimento era a missionária Martha H. Watts, de quem ele guardou sempre uma lembrança querida e uma grande admiração. São dele as seguintes palavras, extraídas de um artigo que escreveu por ocasião da morte da missionária, ocorrida nos E.U.A.:

.....

«Eu bem me lembro que perto de Miss Watts ninguém era capaz de mentir ou dissimular; as traquinadas e travessuras, escondidas cautelosamente, eram-lhe fielmente narradas quando nos interpelava, tal o império que sobre nós sabia exercer, sem jamais usar para isso de outro meio que não a força do bem e o devotamento com que praticava seu sagrado sacerdócio.

Muito lhe deve a sociedade piracicabana; muito lhe devem seus ex-alunos; muito lhe devo eu.

Os princípios salutareos de moral que ministrou-me, assim como os conselhos elevados que me dispensou com tanto carinho e solicitude durante minha infância, repercutem-me ainda na alma como uma voz amiga que me dirige os passos, e

por isso, ao saber que ela já não mais vive na Terra, rendo-lhe este preito de homenagem, simples e singelo, porém sincero e verdadeiro, como que desfolhando sobre a campa da querida mestra umas pétalas humildes que em seguida o vento arrebatará, mas cujo tênue perfume chegará até ela, levando-lhe o penhor de minha gratidão pelo muito que de suas benfazejas mãos recebi.»

.....

Cedo, perdeu o pai, e cedo começou a ganhar a vida. Entrou para o comércio. Trabalhava com seus irmãos mais velhos.

Jovem ainda, e influenciado por um amigo, resolveu estabelecer-se. Esse amigo, José Bento de Carvalho, morava em Santos e, de quando em vez, viajava para Piracicaba, a fim de colocar as suas mercadorias — secos e molhados finos. Foi dentro desse ramo que Pedro de Camargo deu início ao seu negócio. A casa chamou-se «O Garrafão». Teve êxito, prosperava rapidamente. Todavia, pouco tempo depois, ampliando-a, deu preferência a «louças e ferragens». Também o nome da casa foi mudado para «As Duas Âncoras», onde trabalhou por muitos anos, e sempre bem sucedido. Não chegou a ser rico, porém nunca lhe faltou nada, nem à sua família. Amparou muita gente, e jamais alguém lhe bateu à porta que não fôsse atendido e bem socorrido. Que o digam os piracicabanos de seu tempo.

Ele e José Bento de Carvalho foram sempre muito amigos — amigos do peito. Ambos bem jovens, já abraçavam com entusiasmo a religião espírita, nela tendo encontrado, afinal, explicações racionais que em vão buscaram nas demais doutrinas religiosas, inclusive no Metodismo.

Casou-se em primeiras núpcias com D. Elisa Runcke, de quem enviuvou muito cedo. Desse consórcio tiveram uma filha (já falecida) a quem deram o nome de Martha, em homenagem à querida mestra.

Em segundas núpcias casou-se com D. Messiota de Campos Pereira, de Juiz de Fora, Minas Gerais, falecida em 26 de Novembro de 1952. Desse casamento deixou cinco filhos, um homem e quatro mulheres.

Viveu em Piracicaba até o ano de 1937, ali tendo dirigido a Igreja Espírita «Fora da Caridade não há Salvação». Transferindo-se para a cidade de S. Paulo, em 1938, nessa capital permaneceu até à data de sua desencarnação.

*

Pedro de Camargo educou todos os filhos no «Colégio Piracicabano», que então estava sob a direção de Miss Lila A. Stradley, com quem ele manteve boas relações de amizade. Foi procurador do Colégio por muitos anos. O «Colégio Piracicabano» era, na época, um dos melhores educandários do Estado de São Paulo e, até mesmo, do Brasil. Seguindo os currículos e os métodos das escolas norte-americanas, atraía para lá famílias distintas e tradicionais da Capital.

O único filho varão de Vinícius cursou em seguida a Escola Politécnica de São Paulo, e alcançou o cargo de diretor da Secção de Engenharia Nuclear do «Reator» de São Paulo.

Educação esmerada receberam as filhas, todas casadas, exceto D. Ruth.

Onze netos e dois bisnetos encontraram no coração amoroso de Vinícius um segundo lar.

*

Por muitos anos presidiu a «Sociedade de Cultura

Artística» de Piracicaba. Levou para lá os melhores artistas.

Nunca se afinou bem como a política. Muito moço, ao assumir a cadeira de vereador, na Câmara Municipal de Piracicaba, eleito por indicação do Partido Republicano, disse, entre outras afirmativas, o seguinte:

«Não sou político, isto é, não me comprometo absolutamente com as ideias de um partido ou com os princípios que os constituam, porque os partidos têm suas disciplinas e não desejo seguir outra disciplina que não seja a do dever e ouvir outra voz que não a da razão e da consciência.»

E — como dizia ele mais tarde — porque agi de conformidade com este critério, não me quiseram mais!

Sua vida intelectual, dedicou-a ao estudo do Evangelho à luz do Espiritismo. Poucos se aprofundaram tanto no assunto. Era, de fato, um apaixonado admirador do Mestre, tanto que todas as suas obras escritas tiveram esses títulos: «**Em Torno do Mestre**», «**Na Seara do Mestre**», «**Nas Pegadas do Mestre**» e «**Na Escola do Mestre**», as três primeiras publicadas pela Federação Espírita Brasileira. E' ainda de sua autoria o opúsculo — «**Cinquentenário d'O Piracicabano**».

Foi grande orador, sempre dentro do seu tema predileto, emocionando a quantos tinham a ventura de ouvi-lo. Conselheiro da Federação Espírita do Estado de São Paulo, ali introduziu as suas apreciadíssimas Tertúlias Evangélicas, realizadas todos os domingos, pela manhã, com o comparecimento de grande assistência.

Perene admirador da Casa de Ismael, sempre lhe consagrou inteiro apoio, tendo colaborado por dezenas de anos no «**Refomador**», com artigos que primavam pela essência altamente doutrinária e evangélica, num

estilo eskorreito e, ao mesmo tempo, fluente e didático. Essa colaboração escrita, ele a estendeu a inúmeros outros órgãos da imprensa espírita brasileira.

Chegou a ser presidente da União Federativa Espírita Paulista, e durante mais de uma década foi diretor-gerente de «O Semeador», órgão da Federação Espírita do Estado de São Paulo, fundado em 1944.

Presidiu o «Instituto Espírita de Educação» até 1962, obra de grande relevância em S. Paulo. Como parte desse Instituto, surgiu em 1955 o Externato Hilário Ribeiro, elogiadíssimo por quantos o visitam.

*

Havia alguns anos que os achaques naturais de uma idade avançada impediam-no de maiores atividades, daí porque sua colaboração escrita e falada quase desapareceu.

A última carta que ele endereçou ao presidente da FEB, Sr. A. Wantuil de Freitas, datada de 14 de Agosto de 1965, foi escrita com a ajuda do seu filho, e dizia assim num certo trecho:

«Guardo com grande carinho a fotografia da reunião de 1949. Os resultados dessa reunião, se não foram completos, foram todavia testemunho do que já se conseguiu a respeito da unificação.

«As saudades não matam, mas maltratam. Outro dia encontrei uma velha fotografia do Manuel Quintão, que veio aumentar ainda, se possível, as recordações saudosas daqueles dias. Lembrei-me do Dr. Guillon Ribeiro, do Leopoldo Cirne, do Frederico Figner e de outros companheiros. Ainda tenho a esperança de vê-lo, aqui em São Paulo, na primeira oportunidade.

«A minha grande distração, que era ler e es-

crever um pouco, estou impedido de fazê-lo, em virtude dessas dificuldades dos sentidos, particularmente do da vista.»

Às 20 horas do dia 11 de Outubro de 1966, o Espírito de Vinícius passava à Pátria Espiritual. Foi-lhe dado, então, ver, olhos não mais enevoados, os companheiros a que ele se referira em sua carta, rodeados por uma multidão de criaturas que se beneficiaram com seus ensinamentos, todos homenageando-o pelo brilhante êxito de sua missão de evangelizador nas terras brasileiras.

Tal foi a existência de Vinícius, toda ela dedicada à causa da educação e do soerguimento moral das criaturas humanas. Daí porque, dias depois de atravessar as aduanas do Além, ele pôde transmitir bela e confortadora mensagem aos seus amigos e companheiros da Casa de Ismael, participando-lhes a sua feliz ressurreição nos planos da Vida Maior!